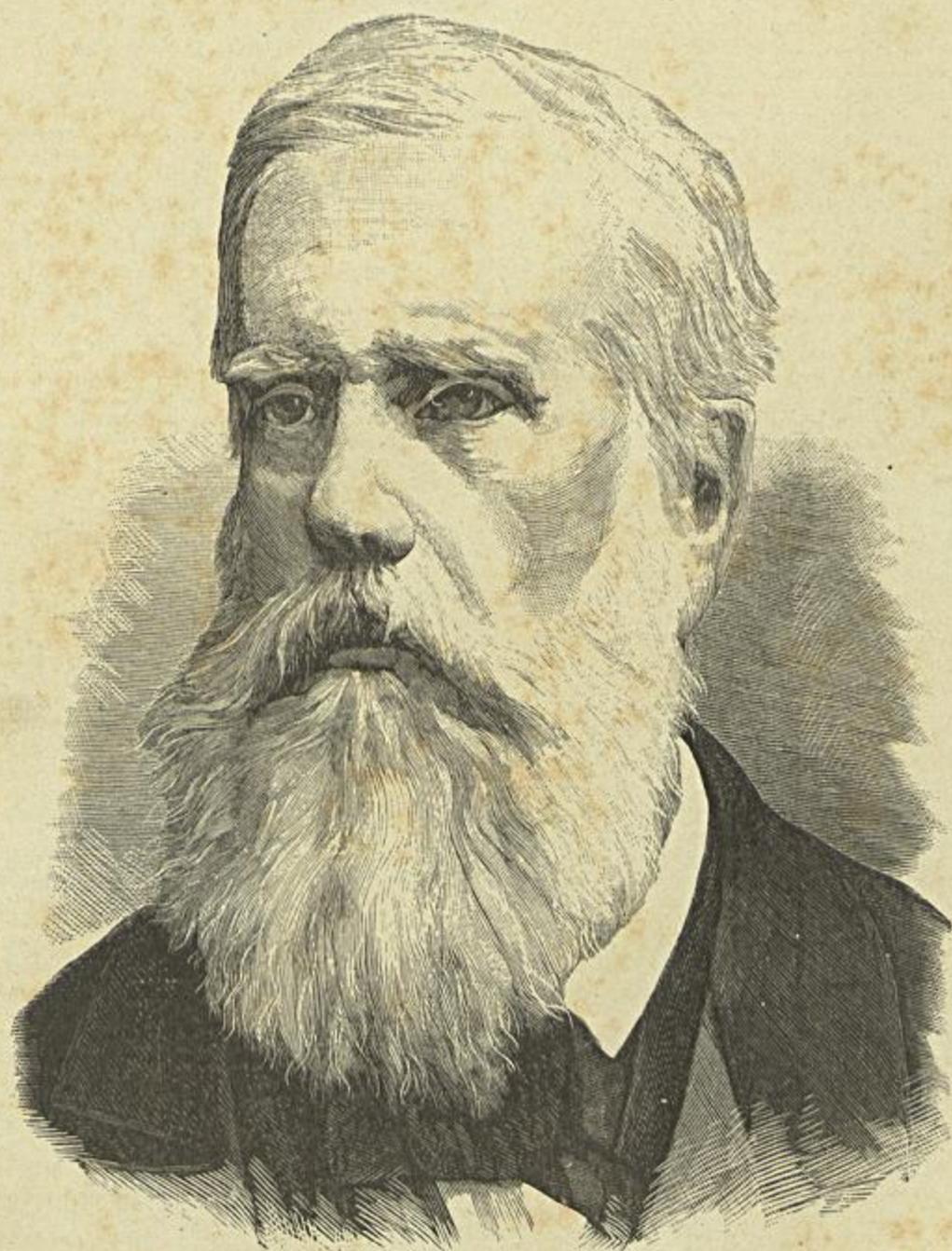
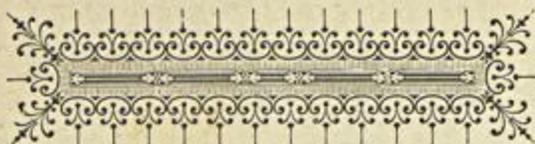
Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

14.º ANNO — VOL. XIV | 11 DE DEZEMBRO DE 1891 | NUMERO 467

D. PEDRO D'ALCANTARA DE BRAGANÇA, EX-IMPERADOR DO BRAZIL — Fallecido em Paris no dia 5 do corrente

CHRONICA OCCIDENTAL

A morte teve um papel importante n'estes ultimos dias: a esposa de Pinheiro Chagas, a esposa de Antonio Arroyo, D. Pedro de Bragança e Estacio da Veiga foram suas victimas. O que se passou de doloroso, patenteado á minha vista em parte, sei-o apenas do primeiro d'estes tristes acontecimentos, o que se não permittiu á minha vista comprehendendo-o em todos.

Vejo ainda deante de mim, n'uma sala contigua ao gabinete de Pinheiro Chagas, toda revestida de negro, o caixão meio coberto de flores onde jazia a esposa do illustre e sympathico escriptor, os filhos chorando em redor do cadaver, o Santo Christo pallidamente illuminado pelas velas de cera, duas senhoras debulhadas em lagrimas, uma tristeza respeitavel e lancinante a dominar todo o recinto, cortada no seu silencio pelos soluços dos que lamentavam, e pelas interrogações successivas dos filhos de Chagas perguntando-se uns aos outros pelo pae, como o tinha deixado o ultimo que sahira de ao pé d elle, repartindo a sua affeição pela virtuosa mãe que tão sabiamente os educara, e estava alli morta, sem lhes poder tornar a dar o conselho, a affagar com seus doces carinhos, e pelo pae que lá dentro, n'uma dôr profunda, abafava os seus gemidos para não entristecer ainda mais os filhos. Santa e exemplar familia esta nas horas de prazer, nas serenas alegrias do lar, nos desalentos da desgraça!

Pobre Chagas! Fôra-lhe ella companheira querida, esposa desvellada, a ella dedicara os seus mais bellos triumphos, as suas mais brilhantes alegrias, os successos extraordinarios da sua activa producção, a sensibilidade das suas obras, a delicadeza dos seus pensamentos, o requinte das suas phrases. Para ella trabalhara, para ella conquistara o logar eminente que occupa, para que elevando-se a elevasse tambem, a ella consagrara toda a sua intelligencia, toda a sua fadiga, n'um viver adoravel, n'uma reciprocidade intima de sentimentos, de trabalho e de amor! E em breves dias, todo esse sereno deslisar de existencias que quasi se tinham convertido n'uma unica é despedaçado por uma bruta martellada do acaso que querendo esmigalhar apenas um, anniquila tambem o outro. É que muitas vezes ao mesmo tempo que a terra abre uma sepultura para receber um corpo, no coração de outro corpo tambem se abre um tumulo para receber a alma d'esse cadaver que a terra consumirá. E se na terra se opera o phenomeno d'uma decomposição que se não sente, no coração humano a alma que elle recebe rasga dolorosamente o tumulo e despedaça-o fibra a fibra.

* * *

E o velho D. Pedro de Bragança, o pobre ex-imperador de quem o telegrapho nos noticiou a morte e de quem depois nos tem contado em todos os pormenores os ultimos momentos, como se elle não tivesse já de ha muito morrido? Tudo elle procurou saber na sua vida, e só lhe esqueceu uma cousa, a que o matou: a ingratidão humana. Tudo elle pesquisou, sobre tudo interrogou, para d'um dia em deante poder dizer—*Já sei*, o estribilho que o acompanhava, que elle repetia a cada nova descoberta; mas esqueceu-lhe aquelle ponto essencial que elle imaginava conhecer, e o estribilho não se fez de certo ouvir quando lhe annunciaram que tinha de sahir rapidamente com os seus da sua querida terra, do seu amado Brazil.

Já sei! Já sei! repetias tu, e nada sabias, pobre imperador cuja febre de saber te enlouqueceu o espirito, te perturbou a intelligencia! Uma republica te expulsa e outra te faz as exequias, n'uma monarchia nasceste, no seio de outra vem procurar abrigo o teu cadaver. E n'um principio de vida sereno, n'uma prolongação que toda era indicios do mais bello socego, da mais suave tranquillidade, no final de teus dias, e já cadaver, ahi andas d'uma terra para outra, sem que nenhuma, nem a que recebe o corpo frio, morto, seja a tua patria! O que sabias tu, pobre visionario?

* * *

E já que vamos n'este rosario de mortos, a dedilhar Padre Nossos e Ave Marias, deponhamos tambem sobre o mauseleu da infeliz esposa de Antonio Arroyo, d'essa gentil senhora, tão nova, tão boa e tão querida, e no de Estacio da Veiga, o incansavel archeologo, tão trabalhador como modesto, a nossa corôa de saudades e martyrios.

Ella era uma boa esposa, uma dedicada mãe, e tanto lhe queriam os seus quanto ella lhes queria, e parece que, para a sua memoria acompanhar sempre os que mais a amavam, a morte a arrebatou no dia em que uma das suas filhinhas fazia annos, e que assim terá a commemorar duas datas que se ligam por um caprichoso traço de união — a morte e a vida!

Estacio da Veiga era um investigador notavel, um homem honesto e laborioso que prestou relevantes serviços ao seu paiz pelos seus estudos notaveis, e principalmente pela organisação do museu archeologico do Algarve, que tanto foi admirado pelos sabios estrangeiros que faziam parte do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica que, ha annos, se reuniu em Lisboa.

D'entre as suas publicações lembramo nos das seguintes: *Romanceiro do Algarve. A fabula de bronze do Aljustrel, Orchideas de Portugal, Noticia sobre Mertola e Antiguidades monumentaes do Algarve;* e em todas ellas se notam vastissimos conhecimentos.

* * *

E ainda d'um morto vou escrever. Mas d'este não ha as recordações saudosas do seu funeral, as ultimas palavras recolhidas, todo o inventario funebre de dôr recente; tracta-se da commemoração do anniversario da sua morte, solemnisada com toda a homenagem que lhe era devida. Fallo da recita no theatro de D. Maria, no dia 9 do corrente, com o *Alfageme de Santarem* e da coroação do busto do grande escriptor, visconde de Almeida Garrett, feita em scena pelos actores e pelos auctores dramaticos que teem escripto para aquelle theatro.

Já á festa me referi na minha ultima chronica, e foi ella executada como se annunciára. O desempenho do *Alfageme* é que attingiu um alto grau e por isso é de dever aqui registral-o, porque honra os artistas do theatro de D. Maria, que souberam com vigor e colorido apresentar todos os personagens do notavel drama, dando-nos o grande prazer de assistir á representação d'uma obra prima nacional, interpretada esplendidamente por actores portuguezes.

O theatro tinha o aspecto de gala, com a tribuna real aberta e illuminada, as senhoras com *toilettes* vistosas, e os homens de casaca. A scena no acto da coroação do busto tambem apresentava um bello quadro, com os interpretes do *Alfageme*, coristas e comparsaria, o resto dos seus artistas e os auctores dramaticos, vendo-se ao centro o busto de Garrett, illuminado a luz electrica. O actor Ferreira da Silva disse uma poesia do sr. general Cascaes, o decano dos dramaturgos, e a actriz Rosa Damasceno uma quintilha de Fernando Caldeira.

Emfim uma festa imponente e utilissima, que se deve ao trabalho e iniciativa da empreza do theatro de D. Maria, que tem trabalhado pelo renascimento da arte dramatica nacional e pelo impulso e coadjuvação dos que agora apparecem a cultival-a.

E, é sina da chronica, se não fecho a fallar d'um morto, é a fallar d'um resuscitado: o theatro de S. Carlos.

Deram-n'o como perdido, como morto, mas, como previ, tudo mais ou menos se accommodou e elle lá vae seguindo o seu caminho, promettendo-nos para hoje—a estreia d'uma nova cantora portugueza, a sr.ª D. Maria Arneiro, pupilla do sr. visconde de Arneiro.

Os outros theatros, com excepção do que citamos, nenhuma novidade nos deram. O Gymnasio é que muito bem andou em resuscitar *Sua Excellencia*, que teve o mesmo successo que ao ser representada pela primeira vez. E' que ha certas peças como certas mulheres: não envelhecem nunca.

Eduardo Schwalbach Lucci.

D. PEDRO D'ALCANTARA DE BRAGANÇA

EX-IMPERADOR DO BRAZIL

Morreu o desthronado; morreu rodeado das sympathias dos proprios que o desthronaram. Quanto valle o ser bom!

Dizia João Jacques Rousseau que para ser mau bastava ser rei; quantas vezes esta affirmativa do grande philosopho da França tem sido desmentida, e se o não tivesse sido, sel-o-hia agora completamente, na pessoa do ex-imperador do Brazil D. Pedro d'Alcantara.

Chamaram-lhe sabio, archeologo, litterato, poeta, philosopho, mas de todas estas qualidades a que mais se evidenciou foi a de philosopho, tantas vezes sacrificada ás imposições do elevado cargo que o destino lhes reservou

Tambem, teve coragem como poucos para muitas vezes ser superior á etiqueta a que o agrilhoava a sua posição de monarcha, e com tanta espontaniedade, com tão natural liberdade se desprendia dos élos, que nunca a maledicencia humana poude taxar de transigencia com as conveniencias democraticas da epoca, o seu desprendimento das praxes monarchicas, para livre e bondosamente communicar com o mais humilde dos homens.

Chamavam lhe então excentrico.

Elle, a cabeça coroada, que imperava n'um grande paiz, era o primeiro democrata do seu povo, para não dizermos o primeiro republicano, e foi a victima mais injusta do destino que lhe pôz uma corôa na cabeça.

Não foi seguramente a corôa o que mais custou a perder ao velho imperador, mas sim a sua patria que elle idolatrava como o mais amante filho do Brazil. «Se me não quizerem para imperador serei mestre escola,» disse elle uma vez. E dizia a verdade, porque os actos da sua vida nunca desmentiram o amor que elle mostrava pelo seu paiz.

Nunca a sorte foi mais dura com um homem a quem a patria negou a sepultura, essa patria que elle tanto amava, que elle tanto engrandeceu, de que elle desejaria ser o ultimo dos seus filhos para morrer no seu seio, para dormir o somno eterno sob o seu ceu constellado, no meio d'aquella natureza exuberante, generosa, prodiga, que só para elle foi mesquinha.

Deve-o ter levado á sepultura esta paixão.

* * *

D. Pedro d'Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga de Bragança e Bourbon, nasceu no Rio de Janeiro em 2 de Dezembro de 1825.

Era filho do imperador D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal, e da archiduqueza d'Austria D. Leopoldina, primeira esposa d'este monarcha e de cujo matrimonio nasceu tambem D. Maria II Rainha de Portugal, pelo que o sr. D. Pedro d'Alcantara era irmão da primeira rainha constitucional portugueza e segundo tio do actual monarcha portuguez o sr. D. Carlos I.

D. Pedro d'Alcantara ficou orphão de mãe logo aos primeiros annos e de pae quando contava apenas 9 annos de idade.

Já então era imperador do Brazil, por abdicação de seu pae a 7 de abril de 1831

Sob a tutela do grande cidadão José Bonifacio de Andrade e Silva correram os primeiros annos do seu imperio, agitados por luctas internas, que abrandaram com a regencia de 1833, mas que só terminaram com as victorias do general Duque de Caxias, de 1841 a 1845 que asseguraram a estabelidade do throno a D. Pedro II.

Aos 16 annos de idade D. Pedro II assumia a governação do imperio, e tinha por si a espada cem vezes triumphante do duque de Caxias, do vencedor de Rosas e de Lopes.

Desde o berço não correu bonaçosa a existencia do joven monarcha, que logo nos primeiros annos da adolescencia viu erguerem-se contra si provincias inteiras do seu paiz, querendo apeal-o do throno onde elle mal ainda se tinha firmado.

O seu grande espirito, porém, cheio de bondade e de amor pela patria, soube triumphar dos inimigos do throno e criar em volta das instituições que elle representava, numerosos amigos sinceros e devotados que comprehenderam que a maior grandeza do Brazil era a sua união.

Alcançar esta victoria no meio das republicas da America, era sem duvida um grande triumpho para o joven monarcha, que assim affirmava as suas grandes qualidades politicas a par do engrandecimento da patria.

* * *

Vimos pela primeira vez D. Pedro II em 1854, anno em que chegámos ao Rio de Janeiro.

Estava elle então na força da vida e rodeado pelas sympathias do seu povo, que o saudava sempre enthusiasticamente quando, o bondoso mo-

narcha de carruagem, com sua virtuosa esposa ao lado e duas louras creanças na sua frente, suas filhas, vinham todos do palacio de S. Christovão para o paço da cidade.

A sua figura corpolenta destacava-se facilmente d'entre a multidão que lhe cercava a carruagem; a sua cabeça disctincta e sympathica, emmoldurada em espessas barbas louro-escuras, inclinava-se affavelmente para corresponder ás saudações do povo, e no seu rosto espelhava-se toda a bondade da sua alma na satisfação que mostrava por se vêr tão estimado do povo, que elle olhava como verdadeiro amigo.

Havia ha pouco terminado a lucta com o tyrano Rosas, no Paraguay, e as armas brizileiras alcançavam um triumpho que assegurava a preponderancia do Brazil sobre todas as republicas suas visinhas.

Pouco depois D. Pedro II visitava as provincias do imperio e por toda a parte era acolhido triumphalmente. A sua superioridade de imperante estava reconhecida por todo o paiz, e o Brazil podia orgulhar-se de ter á sua frente um monarcha esclarecido, bondoso e que dedicava todas as grandes faculdades do seu espirito á felicidade e engrandecimento da patria.

Liberal por indole, todos os governos encontraram n'elle o mais franco apoio, senão indicação, dos progressos que o Brazil realisou nos cincoenta annos do seu consulado.

Seguiram-se annos de paz e de progresso para o Brazil apenas interrompidos pela segunda guerra do Paraguay, em que teve de luctar com o audacioso Lopes que queria invadir as fronteiras do imperio.

Ainda d'esta vez o Brazil affirmou a sua superioridade, e as armas brazileiras alcançaram assignalada victoria depois de uma prolongada lucta, em que se sacrificaram muitas vidas.

Foi com o mais profundo desgosto que D. Pedro II assistiu a esta lucta, que fez passar o Brazil por duras provações, e se teve o regosijo da victoria, nem por isso o seu coração sentiu menos as dores dos que para a alcançar pereceram.

O seu animo pacifico e bom, homem de alma e coração devotado ao bem, melhor se sentia com as conquistas da sciencia e do progresso, do que com as victorias das armas.

Aquelles tres annos de lucta envelheceram-n'o vinte annos, e quando, em 1872, o vimos em Lisboa de volta da sua viagem pela Europa, estava encanecido, os seus bellos cabellos louro uscuros tinham nevado completamente.

* * *

Por estes tempos já no Brazil se havia iniciado o movimento contra a escravatura, e essa grande aspiração do povo brazileiro, tinha em D. Pedro II o mais streno defensor e apologista.

Não ignorava D. Pedro II quanto era grave e melindrosa a libertação dos escravos, sob o ponto de vista economico, e quantos protestos ella levantaria apesar do grande partido que tinha a seu favor, e foi por isso que a primeira lei de libertação apresentada e defendida gloriosamente no parlamento pelo visconde do Rio Branco, em 1871, se limitou a libertar o ventre, respeitando os interesses legitimamente adquiridos á sombra da lei.

Era já um grande passo dado para a emancipação do escravo, e se essa lei prudente e sensata tivesse prevalecido até seu completo cumprimento, talvez não se tivessem dado os acontecimentos que precipitaram a queda do imperio brazileiro.

A febre, porem, do progresso não deixou ao tempo completar a sua obra redemptora, e a lei de 13 de maio de 1888, levando de vencida todas as resistencias e todos os interesses garantidos por lei, libertou completamente o elemento servil e lavou o Brazil d'aquella mancha que maculava a sua brilhante civilisação.

D. Pedro II devia estar satifeito, o seu paiz realisara uma grande conquista, uma conquista das que o bondoso monarcha mais apreciava, e que tinha para elle a dupla satisfação de vêr figurar n'ella sua augusta filha a princeza D. Izabel, que referendara o decreto libertador, como regente na ausencia do imperante.

N'aquella occasião tinha o sr. D Pedro II realisado a sua terceira viagem á Europa e achava-se em Roma quando o Brazil publicou o decreto da abolição da escravatura. Essa lei que foi recebida em toda a parte com o applauso que mais elevou o Brazil aos olhos do mundo civilisado, que immortalisou quantos por ella pugnaram, que era como que a chave de ouro com que o velho imperador fechava, por assim dizer o seu glorioso imperio, foi o germen da sua derrota material, que um anno depois o havia de desterrar da patria, victima dos elevados sentimentos do seu coração.

Os interesses feridos por aquella lei humanitaria, precepitaram o advento da republica e fizeram expiar no exilio o homem que libertura a sua patria da mais odiosa lei que tinha em seus codices.

E eis como D. Pedro d'Alcantara morre no exilio depois de ter dado ao seu paiz, toda a actividade do seu bello coração, de ter procurado incessantemente engrandecer e tornar feliz a sua patria.

Caetano Alberto.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

Casa da Moeda

(Conclusão)

A casa da moeda e papel sellado acha-se actualmente dirigida com a maior proficiencia e inexcedivel zelo pelo conselheiro sr. José Augusto da Cunha, caracter probo e honestissimo, ex-ministro da fazenda, lente da escola polytechina, e digno par do reino... *digno* na verdadeira accepção de palavra. Foi nomeado director do estabelecimento por decreto de 20 de março de 1880, pela vaga deixada pelo bacharel José de Saldanha d'Oliveira de Souza e, desde então até hoje, os serviços prestados por aquelle zeloso e esclarecido funccionario, teem sido relevantissimos, mui principalmente durante a actual crise monetaria e financeira, sendo pelos seus exforços que se pozeram na circulação as famosas *cedulas de 100 reis e 50 réis*, com que o povo se vae acostumando, não só sem reluctancia alguma, mas do melhor grado.

A fabricação d'essas cedulas, em numero de quarenta e quatro series de 100 réis, no valor de 440 contos, e deseseis outras de 50 réis, equivalentes a uns 80 contos, teem posto a casa da moeda em constante actividade, bem como, não sem menor faina, a cunhagem em prata e cobre da moeda do actual reinante, que já vae em muitas centenas de contos de reis.

Deve-se tambem á iniciativa e actividade do mesmo director as obras notaveis com que se está ampliando e aformoseando o edificio.

O velho e feio predio, sem janellas e carcomido pela acção do tempo, ficou transformado na elegantissima fachada que apresentamos em gravura; algumas officinas foram alargadas outras restauradas, soffrendo todo o antigo edificio completa e confortavel transformação. Foram as obras dirigidas pelo distincto architecto Jose Antonio Gaspar, e pelo mestre d'obras José Nogueira; que muito se esmerou pelo seu aperfeiçoamento. Para esses trabalhos se votou no orçamento a quantia de 40:000$000 reis, dando começo a ellas em julho de 1889 e ficando a fachada concluida no dia 8 do corrente mez.

Ao nosso bom e prezado amigo, o sr. conselheiro Pereira Carrilho, se deve em muito o rapido incremento que ultimamente tomaram esses trabalhos ficando o nome d'este esclarecido funccionario vinculado a tão notavel melhoramento.

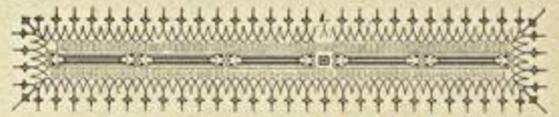
A' frente, no andar nobre, fica a officina e aula de gravura, da qual é actualmente chefe o sr. Venancio Alves. N'essa officina se gravam não só os cunhos das moedas, mas tambem as estampilhas de correio, os bilhetes postaes e o papel sellado.

No pateo acham-se localisadas as officinas de cunhagem, ensaio e fundição, recórte, tempera, branqueio, laminagem, laboratorio e fieira.

Não as enumeremos aqui detidamente porque isso alongaria enormemente este artigo. Alem d'isso o publico já viu d'essas officinas uma excellente descripção que d'ellas fez o nosso illustrado collega o *Seculo*, no numero de 16 de agosto proximo passado.

Bastará que ao concluirmos estas linhas daqui tecamos os devidos elogios aos mestres d'essas officinas e — dizemol-o com justa admiração e patriotico envaidecimento — a perfeição dos trabalhos que se acham delimitados a cada uma d'ellas faz honra ao nosso paiz. Lá fóra, nas grandes nações estrangeiras, n'aquelles colossaes e sumptuosas *Hotels de Monnais* não achamos que o fabrico da moeda metallica esteja melhor nem seja mais bem dirigido do que actualmente o está sendo na nossa Casa da Moeda.

Sirva-nos ao menos isto de consolação no meio de tantos flagellos que nos preseguem sendo d'elles o mais temeroso o nosso *deficit* financeiro.

Silva Pereira.

AS NOSSAS GRAVURAS

CRATO

Convento de Santo Antonio

Proximo da villa do Crato, na provincia do Alemtejo, e sobre um monte povoado de frondoso arvoredo, está edificado o convento de Santo Antonio, fundado por frades franciscanos.

Não é sumptuosa a sua fabrica, mas maravilhosamente collocada, tendo uma cerca bem arborisada, como se vê da nossa gravura, copia de uma excellente photographia amavelmente offerecida ao nosso periodico, pelo sr. Luiz Cordeiro Godinho.

Este convento foi cedido pelo governo, em 15 de Setembro de 1841, á Misericordia do Crato para n'elle estabelecer o seu hospital.

Tem este hospital um bom rendimento, pelo que está bem estabelecido e recebe annualmente, termo medio, uns duzentos enfermos pobres para tratamento.

A VIAGEM DA FAMILIA REAL AO NORTE

Os monarcas portuguezes, acompanhados do seu filho primogenito, acabam de realisar uma viagem ao norte do paiz.

Essa viagem, que teve por intuito principal o elucidarem-se SS. MM. sobre o estado das nossas industrias e proverem de remedio ás suas necessidades, realisou-se em condicções excepciaes de festa para a familia real, que por toda a parte foi recebida com testimunhos inequivocos de respeito e sympathia.

Nas manifestações de jubilo dispensadas aos monarcas, ha sobretudo a notar a parte preponderante que n'ellas tomou o operariado, por occasião da visita de SS. MM. a differentes estabelecimentos fabris.

Esta circumstancia não deve passar desapercebida desde que existia a opinião de que a classe operaria, na sua maior parte, era desaffecta á realeza, e que procurava todos os ensejos para madifestar as suas aspirações ultra democraticas.

Com a visita de SS. MM. viu-se que, se bem que haja n'aquella classe elementar discordantes do modo de sentir geral, a grande massa do operariado, pelas demonstrações de consideração e de affecto que dispensou á familia real, parece preoccupar-se pouco com as formas de regimen administrativo nacional, aspirando unicamente ao seu bem estar e ao desenvolvimento do trabalho.

Na viagem dos monarcas, accentuou-se a par do muito respeito por el-rei D. Carlos, as grandes sympathias que a rainha soube conquistar por toda a parte, graças ao seu genio afavel e despretencioso, á sua intelligencia perspicaz e ao interesse que ligava a tudo o que via, informando-se minuciosamente a respeito de quanto lhe prendia a attenção.

De S. A, o principe real só diremos que foi elle o enlevo de quantos o viram. A sua gentileza, os seus ditos infantis e a sua graça natural, captaram todos os agrados, todas as attenções.

Uma phrase do principesinho para exemplo:

O caso passou-se no Bom Jesus do Monte, em Braga.

Perguntando alguem a S. A. como se chamava, respondeu elle:

— Olhe, eu não sei. O papá chama-me Luiz; a mamã Luizinho: e toda a outra gente principe.

E como estes ditos, muitos outros.

No intuito de reunir-mos em uma chronica, todos os factos principaes da visita da familia real ao norte do paiz, vamos aqui enumeral-os com a maior singeleza, pela sua ordem chronologica, desde a partida de Lisboa.

SS. MM e A., acompanhados do general o sr. João Chrisostomo de Abreu e Souza, presidente do conselho de ministros; João Franco Castello Branco, ministro das obras publicas; e das pessoas da comitiva, condessa de Sabugosa. D. Izabel Saldanha da Gama, conde de Sabugosa, conde de Ficalho, Antonio de Vasconcellos, conde de Tarouca, coronel Queiroz, coronel Vito Moreira e Bernardo Pindella, chegaram ao Porto ás 2 horas e meia da tarde do dia 18 de novembro, tendo recebido, durante o trajecto, e especialmente em Santarem, Coimbra, Aveiro e Devezas, além dos

cumprimentos das authoridades locaes, as manifestações da mais sincera sympathia por parte do publico.

No Porto, eram os reaes viajantes esperados por todas as authoridades civis, militares e judiciaes, corpo consolar, varios pares e deputados, corpo commercial, directores de estabelecimentos scientificos e de recreio e grande numero de outras pessoas de todas as classes.

Ao apearem-se SS. MM. e A. da carruagem, o sr. presidente da camara municipal ergueu vivas á familia real, que foram enthusiasticamente correspondidos, repetindo-se essas manifestações á saida da estação e depois em varios pontos da cidade.

O cortejo, que se compunha de umas duzentas e oitenta e tantas carruagens, póz-se logo a caminho em direcção á igreja da Lapa.

Nas ruas do transito, todas as janellas ostentavam colchas de damasco, achando-se muitas embandeiradas e tocando em algumas d'ellas philarmonicas.

De muitas janellas foram lançadas flores desfolhadas sobre o coche real.

No campo da Regeneração, todos os alumnos de ambos os sexos das escholas primarias parochiaes, em numero de cerca de 1:200, aguardavam alli a passagem dos monarcas, aos quaes saudaram com frenesi:

Eram 4 horas da tarde quando SS. MM. deram entrada no templo da Lapa, onde eram esperados pelo cardeal D. Americo, tomando as varas do palio a camara municipal e a meza da irmandade da Lapa seguindo-se o *Te Deum* entoado pelo mesmo cardeal, assistido de todo o cabido, sendo a musica a grande orchestra.

O templo via-se revestido de galas, sendo grande a assistencia de pessoas a esse acto, terminado o qual SS. MM. oraram por alguns momentos junto do sarcophago que encerra o coração de D. Pedro IV, dirigindo-se depois para o paço.

N'essa noite e nas duas seguintes tes illuminaram as fachadas dos seus edificios, a camara municipal, quarteis, repartições publicas e muitas casas particulares.

Na praça de D. Pedro tocaram duas musicas militares.

No dia 19, el-rei e a rainha, acompanhados do sr. ministro das obras publicas, governador civil, presidente da camara e outras auctoridades visitaram:

A fabrica da Companhia Fiação Portuense, um dos estabelecimentos fabris mais importantes do paiz, quer pelo numero de operarios que emprega, quer pelo variado machinismo de que dispõe.

Fabrica de Tabacos Portuense, que occupa actualmente 541 mulheres na manipulação de cigarros e charutos e 26 homens. A producção diaria d'esta fabrica, em que ha uma machina a vapor, de construcção nacional, e da força de 25 cavallos, póde computar-se em 800 kilogr. de cigarros e 65 de charutos.

Real Fabrica de Botões Portuense, de que é proprietaria a firma Gonçalves Ribas & C.ª. Emprega 18 mulheres e 2 homens, e produz botões de todas as qualidades, que teem um facil consumo no paiz.

Fabrica da Companhia Fabril Salgueiros. Emprega cerca de 500 operarios de ambos os sexos, pro-

CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA — DIRECTOR DA CASA DA MOEDA

Vid. art. «Instituições Sociaes Portuguezas»

(Segundo uma photographia)

A CASA DA MOEDA DE LISBOA — A NOVA FRENTE PRINCIPAL

(Desenho do natural por Casellas)

duzindo approximadamente 15:000 peças de panno por anno e egual numero de maços de algodão. Além do machinismo de fiação, possue 256 teares e uma machina de systema Forcot, da força de 500 a 1.100 cavallos. A fabrica produz fiação e tecelagem de algodão, torcedura, tinturaria e estamparia.

Terminadas estas visitas, SS. MM. dirigiram-se para o Paço, realisando-se depois de almoço, a recepção official, que foi uma das mais brilhantes que n'esta cidade teem tido logar.

Além de um grande numero de damas, concorreram a dirigir os seus cumprimentos a SS. MM. e A., todo o funccionalismo, corporações, etc. etc.

Depois da recepção, os monarchas foram visitar o magnifico edificio das Escolas Normaes, voltando depois ao paço.

Ao jantar de gala, tomaram assento, ao lado direito de el-rei a sr.ª condessa de Sabugosa e á esquerda a sr.ª D. Isabel Saldanha da Gama.

A' direita de S. M. a rainha, o sr. cardeal D. de ora em diante todos os artefactos de malha que tivessem de comprar se no Paço, fossem adquiridos n'aquelle estabelecimento.

Depois do almoço, SS. MM. acompanhados do principe Real, foram para os Paços do Concelho assistir á sessão solemne da distribuição dos premios *Camões* e dos destinados a alumnos distinctos em exames de instrucção secundaria no Lyceu do Porto. Os premios, que consistiam em dinheiro e livros de instrucção, foram entregues por SS. MM.

N'esta solemnidade discursaram os srs. presidente da camara, e Bento Carqueja, um dos proprietarios do *Commercio do Porto*, instituidor do premio *Camões*.

Depois d'isto, S. M. entregou ao sr. Joaquim de Sousa Loureiro, ajudante do inspector geral dos incendios, as insignias da Torre e Espada, com que aquelle benemerito bombeiro havia sido agraciado.

S. M. a rainha dirigiu-se em seguida para o Paço, indo el-rei visitar o Hospital de Alienados do conde de Ferreira, cujo vasto edificio el-rei percorreu.

CRATO — O Convento de Santo Antonio actualmente Hospital da Misericordia

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. L. Cordeiro Godinho)

Americo e á esquerda, o sr. ministro das obras publicas.

A' sobremeza el-rei brindou á cidade do Porto, respondendo o sr. presidente da camara.

No dia 20, as visitas dos monarchas, principiaram pela Fabrica de Fiação do Jacintho, em Arneiros, a qual emprega de 350 a 400 operarios de ambos os sexos, tendo um motor da força de 350 cavallos. A sua producção é algodão em fio e torcido, pannos crús, pannos branqueados, toalhas e lençoes de feltro.

Em seguida SS. MM. dirigiram-se ao Real Hospital de Creanças Maria Pia, onde foram recebidos pelas senhoras e cavalheiros que compõem a direcção d'aquella prestante casa de caridade. N'esse dia estavam ali 29 creanças em tratamento.

Os monarcas foram depois visitar a Fabrica da Companhia Manufactora de Artefactos de Malha, que possue cerca de 70 teares circulares e rectilineos, empregando 160 operarios. A sua producção orça por 60:000$000 annuaes.

N'essa fabrica, o gerente o sr. João Pinto Nogueira, offereceu a SS. MM. alguns dos excellentes productos que ali se fabricam, tendo os monarchas declarado que dariam ordem para que

A' noite houve espectaculo de gala no theatro de S. João, onde SS. MM. foram saudados com vivas pelos espectadores, sendo á sahida acompanhados até ao Paço, em marcha *aux flambeaux*, por grande numero de pessoas que os acclamaram durante o transito.

N'este dia el-rei entregou no Paço, ao sr. Francisco Carqueja, um dos proprietarios do *Commercio do Porto*, a medalha de ouro de instrucção nacional, com que fôra agraciado, honra tanto mais insigne, quanto fôra essa a primeira medalha conferida por serviços prestados á instrucção.

No dia 21, SS MM. visitaram a fabrica de fundição do Bulhão, que possue um motor da força de 12 cavallos e duas caldeiras da força de 20 cavallos cada uma. Tem tres grandes tornos mecanicos e dois menores, machinas de virar chapa, de cortar, furar e aplainar e cinco machinas para furar.

O forno de fundição póde fundir de cada vez 8.000 kilogr. de ferro.

D'ahi os monarcas seguiram para a Real Fabrica Social de Chapeus, que emprega actualmente cerca de 250 operarios, dos quaes 70 mulheres, sendo a sua producção annual de 3.000 chapeus aproximadamente. Possue dous motores, uma locomovel da força de 25 cavallos e uma caldeira da força de 60 cavallos.

Visitaram mais:

A Fabrica da Real e Imperial Chapellaria a Vapor, que occupa 200 operarios de ambos sexos, achando-se montada para produzir annualmente 300:000 chapeus. Actualmente a sua producção é de 120.000 chapeus por anno. Possue duas machinas, com as respectivas caldeiras, da força de 150 cavallos, bem como os mais aperfeiçoados apparelhos para a confecção de chapeus.

Fabrica de tecidos de sêda dos srs. Francisco José Nogueira & F.º

Dá esta fabrica trabalho a 95 operarios de ambos os sexos, possuindo 58 teares mecanicos e manuaes e uma machina a vapor da força de 25 cavallos. A sua producção consiste em tecidos de seda puros e mixtos, velludos e fitas para chapeus.

Depois de almoço, SS. MM. e A. foram ao edificio da Associação Commercial inaugurar a Bolsa do Porto e em seguida visitaram a igreja e secretaria da Santa Casa da Misericordia.

No dia 22, SS. MM, começaram por assistir á distribuição de premios ás educandas do Recolhimento de Orphãs, tendo antes d'isso ouvido na igreja do mesmo Recolhimento, missa celebrada por o cardeal D. Americo.

De tarde foram inaugurar a exposição industrial do Palacio de Crystal, proferindo n'essa occasião um discurso o presidente da direcção do mesmo Palacio o sr. conde de Samodães, ao qual respondeu el-rei:

A' noute houve jantar de gala em honra das commissões promotora e excentiva da referida exposição, bem como dos proprietarios dos estabelecimentos fabris visitados pelos monarcas.

N'esse jantar el-rei brindou pela industria nacional, respondendo o sr. dr. Jacintho de Magalhães, na qualidade de presidente da Associação Industrial Portuense.

Depois de jantar, SS. MM. foram ao theatro de S. João assistir a uma récita de amadores, em favor do cofre da Associação dos Bombeiros Voluntarios.

O dia 23 começou pela visita á Fabrica de Fiação e Tecidos do Porto, que occupa termo médio 300 operarios de ambos os sexos. Na secção de fiação tem 9.000 fusos, produzindo annualmente 62.000 massos de algodão, dos quaes 25.000 torcido e 35 000 em fio.

Na secção de tecidos produz 10.000 peças por anno, sendo 5.000 em pannos crus, 2.000 em baetas e 3.000 em flanellas.

O numero de teares mecanicos é de 100, sendo o motor da força de 350 cavallos

Seguiram-se depois as visitas ás seguintes fabricas:

Fabrica de Lanificios dos srs Azevedo Meirelles, Irmão, na rua de D. Pedro V.

Esta fabrica occupa 300 operarios de ambos os sexos, possue 3.500 fusos, 80 teares mecanicos e manuaes e 9 cardas. A machina é da força de 100 cavallos.

A sua producção annual orça por 150 a 200 contos aproximadamente. Produz casimiras, flanellas cobertores de lã, chailes, barretes, camisolas e ceroulas de flanella, etc.

Fabrica da Compan.ia Alliança (Fundição de Massarellos). Emprega 250 operarios e tem uma machina a vapor da força de 14 cavallos, com dois geradores. A sua producção annual regula por cerca de 100.000$000.

Fabrica da Fundição do Ouro.

Possue um motor da força de 12 cavallos e tem 8 tornos mecanicos, 6 tornos communs, 2 machinas de aplainar, 2 calandras de enrolar chapas para caldeiras de vapor, 2 ponches para furar chapas, 1 machina irradial de furar, etc. etc. Tem mais dois fornos de fundição, e emprega cerca de 150 operarios. A sua producção é de cerca de 60:000$0000.

Fabrica de cobertores de lã do sr. Francisco Luiz de Almeida. Emprega 50 operarios, dos quaes 25 mulheres e tem 10 teares para cobertores e 5 teares mecanicos. O motor é hydraulico.

Fabrica de Lanificios de Lordello. Emprega 230 operarios, dos quaes 90 mulheres, sendo a sua producção annual de cerca de 100:000$000.

Depois do almoço S. M. a rainha visitou o Azylo de Villar, o Hospital da Misericordia, onde se deu a scena commovente da illustre princeza se prostrar junto do leito de um enfermo que estava a expirar, orando por elle fervorosamente, e a officina de S. José.

No entanto el rei visitava os quarteis da Torre da Marca do Carmo e de Santo Ovidio, bem como o Hospital Militar de D. Pedro V

A' noute houve jantar de gala offerecido ao corpo commercial, brindando el-rei pela Associação Commercial do Porto. Respondeu o vice-presidente da mesma Associação o sr. J. C. Andresen Junior.

No dia 24 SS. MM. visitaram:

A Fabrica de Tabacos Lealdade, que occupa actualmente 881 operarios empreiteiros e 66 jornalleiros A producção mensal é de cerca de 30.000 volumes de cigarros ordinarios e 3.800 de charutos de 20 e 10 réis. O valor d'essa producção, calculado pelo preço da venda, é de 140:000$000.

Fabrica de tintas de impressão e vernizes, dos srs. Augusto Gama & C.ª Esta fabrica possue 11 machinas de moagem de tintas, 5 fornos para negros de fumo, 4 caldeiras para tinta de impressão, e uma installação de vernizes para pintura, que póde produzir de 40.000 a 50.000 kilogrammas por anno. O motor é a gaz e da força de 25 cavallos.

Fabrica ceramica e fundição das Devezas. Emprega cerca de 500 operarios, dos quaes 50 mulheres. Tem dois motores, um da força de 55 cavallos e outro de 25. A producção annual orça por 200.000$000.

No regresso el-rei visitou a fortaleza da Serra do Pilar e quartel do destacamento de artilheria.

Depois de almoço houve recepção das camaras municipaes dos districtos do norte e em seguida SS. MM. foram inaugurar a Creche de Cedofeita e visitaram o hospital da ordem do Carmo e o hospital e Azylo Profissional da Ordam do Terço.

A' noute houve jantar de gala em honra dos representantes das camaras municipaes, e em seguida SS. MM. foram assistir a um espectaculo no theatro Principe Real.

No dia 25 realisou-se no Campo da Regeneração a parada a que assistiu el-rei, tomando parte n'ella os regimentos de infanteria 6 e 18, o da guarda municipal, os destacamentos de cavallaria e artilheria e uma força de marinheiros da armada, com a respectiva charanga.

Todas estas forças passaram depois em continencia por defronte do paço da Torre da Marca.

De manhã S M. a rainha visitou a Exposição Industrial e el-rei a Escola Medica e Academia Polytechnica.

A' noute houve jantar de gala offerecido á officialidade dos corpos da guarnição, brindando á sobremeza, el-rei pelo exercito, respondendo o general de divisão, o sr Quintino de Macedo.

A' noite, el-rei foi ao espectaculo que se realisou no theatro Infante D. Affonso.

No dia 26 SS. MM foram ao porto de Leixões tendo lugar depois d'isso, no Paço, o alistamento do Principe Real no regimento de infanteria 18, cabendo-lhe o n.º 24 da 1.ª companhia.

De tarde SS. MM. inauguraram a construcção do azylo-escola municipal, que recebeu o nome da rainha D. Amelia. e depois foram ao Palacio de Crystal assistir ao festival por motivo da inauguração do grande lago.

A' noute houve jantar de gala offerecido á magistratura official e ao professorado dos estabelecimentos scientificos.

Depois d'isso SS. MM. foram ao baile dando em sua honra pelo Club Portuense, dansando el-rei com as srs. coudessa de Rezende e D. Guilhermina Pereira Machado, e S. M. a rainha com os srs. Christiano Wanzeller, dr. Oliveira Monteiro e conde de Rezende.

No dia 26, assistiram ao almoço no Paço os representantes dos estabelecimentos de caridade e beneficencia, seguindo depois d'isso SS. MM. e A. para a estação de Campanhã, de onde partiram para Braga á 1 hora da tarde.

A recepção feita em Braga, Guimarães e Vianna, á familia real foi por igual brilhantissima.

N'aquellas cidades SS. MM. visitaram varios estabelecimentos fabris e de beneficencia, sendo por toda a parte recebidos com as mais enthusiasticas manifestações de respeito e de rigosijo.

Regressaram d'alli no dia 1 de dezembro, seguindo directamente para Lisboa, onde chegaram á noute.

E eis feita a chronica rapida e desaffectada da visita de SS. MM. ao norte do paiz.

Como acima referimos SS. MM. tiveram por toda a parte o acolhimento mais sympathico, distinguindo-se sobretudo nas demonstrações festivas, a classe operaria, nas visitas que os monarcas fizeram ás diversas fabricas e officinas.

M.

ANTHERO DE QUENTAL

(Concluido do n.º 460)

Os limites prefixados em que devemos encerrar este artigo não nos permittem analysar as obras de Anthero de Quental nem enumerar summariamente as suas infinitas bellezas. Poderiamos enuncial-as pelos titulos com uma ou outra apreciação substancial; mas isso tambem exigiria espaço maior que o de que podemos dispôr. Restringir-nos-hemos pois a formular em conclusões breves a nossa opinião sobre esse grande vulto, se é que se não evidenceia bastante de tudo que precede.

E para que segunda intenção se lhe não attribua, devemos começar por protestar a nossa enthusiasta admiração por todos os seus dignos emulos, e por assentar que não, por consideral-o tão grande como João de Deus, o primeiro poeta peninsular dos tempos modernos, pretendemos tirar nenhum florão da coroa d'aquelles para pol-o na de Anthero: cada um tem a sua, e nem por subir mais alto a aguia, o cysne perde a sua majestade nem o rouxinol o seu auditorio.

Explicaremos em que consiste a nosso modo de ver, a primazia de Anthero; e entenda-se desde já que a outorgamos tão sómente no que respeita ao vigor, inspiração e alcance da sua poesia,—ás qualidades que constituem o que se conveiu em chamar *genio*; — sendo diversa a nossa opinião quanto á sujeição aos preceitos de ordem secundaria, á unidade da linguagem e ao mechanismo da arte.

A poesia, que significa *creação* na ordem moral e intellectual, e não *transumpto* phraseologico e banal da natureza physica, reside essencialmente nas regiões do espirito. O seu vasto dominio é, por tanto, a natureza humana: está ahi a sua inexgottavel paleta; d'ahi toma o artista as côres, ahi combina as tintas, ahi bebe a inspiração das suas *creações* immortaes.

Mas a poesia, como a pintura, sua irmã, tem tambem os seus photographos, e são elles os do *transumpto* phraseologico e banal da natureza physica, dos seus eternos panoramas de prados e cascatas, fontes, arvores e flores, rosas e pintasilgos.

Ha pois duas categorias nos seus adeptos: os de uma fazem geralmente consistir a arte na pulchritude acicalada da fórma, no som, na imagem; os da outra, na profundeza philosophica do fundo, na commoção, na idéa. A' primeira pertence a multidão, os versistas, os talentos ás vezes; á segunda, a excepção, os poetas, os genios sempre.

Basta uma falta de prosodia para ser repellido um candidato pela primeira categoria; basta um vôo arrojado até as nuvens para ter ingresso na segunda. A'quella pertencem... para que nomear? . . são tantos!... á outra, os Victor Hugo, os Poe, os Heine, os Espronceda, os Giusti, por exemplo.

Anthero abunda nos defeitos que se exprobram a Espronceda, Poe e Victor Hugo, para que jámais possa figurar na primeira categoria; o seu logar está marcado na segunda, e por isso o reputamos, relativamente falando... o Victor Hugo portuguez... Em sentido absoluto, e considerado por algumas das suas odes e sonetos, é um poeta de genio e elevação que passará á posteridade e occupará um logar no congresso das lettras, quando ellas em realidade tomem o caracter de republica universal.

A sua poesia é de todo o tempo e logar, e os seus sonetos, especialmente, hão de commover o coração e accender o enthusiasmo onde quer que se encontrem enthusiasmo e coração, onde quer que se entenda o idioma do sentimento, que é uno em toda a parte. E este caracter de universalidade que existe no fundo das suas obras, condição *sine qua non* de immortalidade, é uma das que as hão de salvar do naufragio em que o oceano do esquecimento engulirá grande parte do que Portugal tem produzido até agora.

Os seus outros penhores de salvação consistem principalmente na vigorosa constituição da sua poesia, na profundidade philosophica e physiologica do fundo e da artistica elegancia da forma; consistem no profundo conhecimento e na analyse profunda do coração humano; nas bellezas de estylo, nas graças de dicção, na uncção de sentimento, na chispa de paixão e na musica ineffavel dos seus versos, que apresentam, alem de tudo isso, novidade e originalidade na idéa, na indole e na rima. rarissimas condições em nossos tempos de insipidas rhapsodias e de imitação servil. Inutil fôra citar: abram-se ao acaso as suas odes, os seus sonetos, e achar se ha a prova d'estes assertos. E por muito certo deve ter-se que rarissimas são as obras que resistem a esta prova.

Sobre todas as condições que a esthetica poderia reclamar, ha nos versos de Anthero um *não sei quê* arroubador, um magnetismo irresistivel que, como o fluido imponderavel, se sente, embora se não apalpe, e que é a atmosphera do genio; atmosphera embalsamada, magica e embriagadora que deleita os sentidos, immerge em extases a alma e nos leva por sobre flores sem nos permittir um momento examinar se ha abrolhos.

Sabe-se que os abrolhos se encontram nos mais bellos jardins, e que até o sol tem manchas. Mas quem procura defeitos onde sobram perfeições? Assim, nos versos de Anthero, as suas innumeras bellezas não nos permittem parar ante os defeitos indispensaveis que possam notar-se n'elles submettidos a um frio exame. Não o faremos nós, de certo, porque nunca os poderiamos ler com frieza...

Francisco de Almeida.

BELGICA

EXCERPTO

(Continuado do n.º 466)

As mercadorias orientaes. até então, vinham pelo mar vermelho á Alexandria, e d'aqui eram levadas para Veneza. que depois abastecia os mercados da Italia, da França, da Allemanha e outros paizes christãos. Dobrado o cabo da Boa Esperança pela nossa armada, Veneza, a feiticeira rainha do Adriatico, a Tyro da idade media, succumbiu perante as conquistas gloriosas dos nossos navegadores. De nada lhe valeram os seus trezentos navios mercantes, tripulados por oito mil maritimos, tres mil embarcações menores por dezesete mil, e uma esquadra de quarenta e cinco galeras, com a guarnição de onze mil homens, destinada á policia dos mares.

Ao porto de Anvers começaram a chegar os navios portuguezes carregados de especiaria e drogas da India. bem como de outras mercadorias coloniaes que nunca ali se tinham visto, e, por continuar este trafico em grande escala, o rei D. Manuel mandou para aquella cidade um feitor, o qual entabolando logo relações com o opulento negociante Nicolas Rechtergen, enviou, por intermedio

d'este, especiarias para a Allemanha, onde, por ignorarem as viagens dos portuguezes á India, ficaram tão admirados de tal remessa, que duvidaram da bondade d'esses productos, e suspeitaram que estivessem falsificados, pois sómente conheciam e tinham por legitimos aquelles que lhes vinham de Veneza Insensivelmente se foi apreciando a importancia do novo commercio, que se tornou attrahente ao ponto de levar os Fockers, os Wolsers e Osteters, ricos banqueiros allemães, a estabelecerem se por causa d'elle em Anvers, no anno de 1516, e os negociantes estrangeiros, á excepção de alguns hespanhoes, mudaram a sua residencia de Bruges para aquelle porto, estando todos os escriptores de accordo em que foram arrastados pelos portuguezes.

A nossa feitoria de Anvers foi organisada com o nome de Casa de Portugal, por contracto de 20 de novembro de 1511, celebrado com os burgo-mestres, que nos concederam para esse fim um predio, o qual ficou sendo propriedade nossa. Os mesmos magistrados ractificaram os antigos privilegios de que gosavam os portuguezes, e comprometteram-se a fazel-os participes de quantos outorgassem de futuro a qualquer outra nação; como refere o sr. Francisco Gomes de Amorim, o erudito auctor das *Memorias biographicas de Garrett*, addicionando ainda que a feitoria dava subsidios aos naufragos e aos que eram roubados no mar, bem como esmolas aos pobres; conservava uma capella no convento de S. Francisco; fornecia gratuitamente especiaria aos magistrados; e tanto estes como outros encargos eram satisfeitos pelos meios consignados no alvará de el-rei D. Manuel de 8 de maio de 1512.

Por me parecer igualmente digno de memoria, não omittirei o facto muito interessante de terem por essa epocha dois navios nossos, de volta das Canarias a Weere, na Zelandia, levado para Anvers, onde a venderam, a carga de assucar que traziam, e de, seis mezes depois, custar a revender pelo preço da compra, por não ser mercadoria do uso habitual.

Infelizmente o nosso commercio começou a declinar, e, conforme pondera o conde de Saint-Priest nos seus *Estudos diplomaticos ácerca do seculo* XVIII, Portugal apresenta, do seculo XIV ao XVI, o phenomeno de uma população pequena, mas ardente, que, pela inspiração da coragem, pelo genio das aventuras, por um mixto de garbo cavalleiroso e de calculo mercantil, por uma especie de compromisso entre o passado e o futuro, entre a idade media e os tempos modernos, se eleva subitamente á opulencia, ao poderio, depois chegada ao fastigio, torna a descer com rapidez, impellida pela mola que a tinha feito subir tão depressa e tão alto.

Tivemos tambem com a Belgica relações propriamente scientificas e litterarias.

No começo do seculo XVI a universidade de Louvain, pela justa fama de que sempre gosou, attrahiu ao seu seio o nosso André de Rezende, que se relacionou n'aquella cidade com a maior parte dos sabios, em cujo numero contava Erasmo e Cleynarst, de Diest, seus intimos. É o barão de Reiffenberg quem o affirma. E, continuando a louvar-me nos trabalhos d'este escriptor, cuja auctoridade não soffre contestação, acrescentarei, que Rezende, convidado por D. Pedro de Mascarenhas embaixador de Portugal junto de Carlos V, veiu encontrar-se com elle a Bruxellas, e acompanhou-o na marcha feita pelo imperador contra os turcos, que, sob o commando de Solimão II, haviam pos to cerco á cidade de Vienna, a 25 de setembro de 1529, sendo pelas tropas imperiaes obrigados a levantal-o no dia 14 de outubro d'esse anno.

Saía de Louvain este notabilissimo vulto da Renascença portugueza, e pouco depois fixava n'aquella cidade a sua residencia, ao termo de uma longa viagem pela maior parte da Europa, Damião de Goes, amigo de Rezende e um dos nossos escriptores classicos do XVI seculo. E tal foi o respeito e sympathia, conquistados por este nosso illustre compatricio, que, em 1542, quando o general francez Longueval, e Van Rossem, chefe do exercito do duque de Gueldre, se apresentaram diante de Louvain para a sitiar, os estudantes da universidade pegaram em armas, e nomearam Damião de Goes, *academica auctoritate*, para os commandar. Durante um armisticio, o sabio transformado agora em guerreiro, saíu da cidade levando por companheiro o chefe do corpo municipal de Louvain, para parlamentar com o inimigo, em nome dos habitantes e dos magistrados. Fizeram-n'o prisioneiro, contra o direito das gentes, conduziram n'o a Vermandois, e não resgatou a sua liberdade senão á custa de dois mil ducados de oiro. Depressa, porém, foi vingado, porque o inimigo viu-se obrigado a retirar.

E' do mesmo seculo a permanencia temporaria, em Louvain, de mais um portuguez doutissimo, que se chamou Antonio de Sena, frade dominicano. Douturou se na universidade a 23 de junho de 1571; foi professor de theologia no seu convento de Louvain, e regente geral dos estudos, eleito em capitulo celebrado na cidade de Barcelona, no anno de 1574. Era um theologo eminente, um archeologo distinctissimo, um polygrapho abalisado, como evidencia a variedade dos assumptos nas suas obras, que foram muitas. E não se entregava unicamente ás importunas funcções do magisterio, ou aos improbos labores do escriptor; vamos vel-o tambem figurar nos negocios interiores da Belgica, e prestar-lhe um importante serviço. Em 20 de maio de 1573, a faculdade de theologia de Louvain tomou a generosa e patriotica resolução de representar a Filippe II sobre o estado deploravel das provincias belgas e urgencia de substituir, no governo d'ellas, o sanguinario duque de Alba. Era mais um grito de reprovação contra esse monstro. O negocio foi tratado com muito mysterio e prudencia, encarregando-se Antonio de Sena de levar a Hespanha a carta de representação, por haver grandes e bem fundados receios, que os agentes do duque de Alba a roubassem. E' certo que este, vendo empallidecer a sua gloria, e recuando diante da geral execração dos belgas, solicitou e obteve retirar-se para Madrid, allegando que o estado da sua saude não lhe permittia continuar a guerra. O que demoveu Filippe II de conservar o duque no governo não foi aquelle futil pretexto; sobre o seu catholico espirito haviam de ter mais peso as exhortações fradescas, mórmente se partissem de dominicanos.

Sem embargo d'esta missão junto do rei de Hespanha, fr. Antonio de Sena era, primeiro que tudo, portuguez, e poucos annos mais tarde tornou-se bem notoria na côrte hespanhola a sua familiaridade com o prior do Crato, a quem dedicára os *Commentarios da theologia de S. Thomás de Aquino*, notavel obra que foi prohibida em Portugal no tempo de Filippe II, como as outras do mesmo auctor.

(Continua) *Zephyrino Brandão.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Marfim artificial. — O *Journal des inventions* assignala um diploma de invenção para a descoberta do marfim artificial. O fabrico é baseado sobre o emprego dos materiaes que constituem o marfim natural, que são o phosphato tribalsico de cal, o carbonato de cal, a magnesia, a aluminio, a gelatina e a albumina.

Para se fabricar o marfim artificial n'estas condições trata-se da cal viva com a quantidade de agua necessaria para a sua hydrotação, mas antes que ella esteja completamente hydrotada isto é, que esteja completamente diluida toma-se-lhe uma solução acquosa de acido phosphorico e amolecendo, ou amassando as drogas, junta-se-lhes em pequenas quantidades, de uma vez o carbonato de cal, a magnesia e a aluminio, depois a gelatina e a albumina em solução acquosa.

N'esta operação é preciso ter em vista obter uma mistura tão completa quanto possivel e assaz plastica, que se deixa separar afim de que o acido phosphorico termine a sua reacção sobre a cal.

No dia seguinte, deita se esta massa em formas e faz-se seccar a uma corrente d'ar de 150° aproximadamente.

O marfim artificial assim obtido trabalha-se facilmente adquirindo toda a sua solidez tres ou quatro semanas depois.

Eis as proporções da mistura que—desejando-o poderá colorir-se com qualquer addicção de anilina gômma laca etc.

Cal viva	100 partes
Agua	300 »
Solução de acido phosphorico a 1,05 de densidade	75 »
Carbon.to de cal	16 »
Magnesia	1 a 2 »
Aluminio precipitado	5 »
Gelatina	15 »

Pintura de alcatrão. — A mistura do alcatrão da hulha com a essencia de terebentina, ou com essencia mineral, na proporção de metade alcatrão e metade essencia, dão uma tinta d'um bello negro brilhante muito fluida a frio e seccando em algumas horas.

A mistura com a essencia mineral sécca um pouco menos depressa, mas muito depressa com a essencia de terebentida. O preço do custeio faz preferir a primeira essencia.

Essa tinta deve ser estendida com um pincel aspero e em camadas tão adelgaçadas quanto possivel. Penetra na madeira profundamente e a preserva de toda a composição; adhere perfeitamente sobre os metaes e os impede de oxidarem.

O alcatrão preveniente das fabricas de gaz é de qualidade muito variavel, sendo portanto o melhor a empregar o que se encontra mais commummente no Commercio.

A petreolina. — O Codex francez define assim a petrolina, ou *vaselina*.

«A petrolina é uma substancia semi-solida, completamente amorpha, amarelada ou branca, de aspecto gorduroso unctoso, transparente em lasca delgada, mais ou menos fluorescente, sobretudo quando ella se derrete, insipida, inodosa, e exhalando um pequeno cheiro a petroleo quando a aquecem. E' de uma densidade variando de 0,835 a 0,868.

A petreolina funde-se a 40 graus. E' insoluvel na agua e na glycerina, pouco soluvel no alcool fervente, facilmente soluvel no ether, principalmente quando este estiver quente, no chlorofor-mio, no sulfureto de carbonio e nos oleos fixos e volateis. E' completamente neutro e inalteravel ao ar.

Os alcoóos e os acidos não exercem a frio, acção alguma sobre ella; o acido sulfurico, puro e concentrado não a colora Aquecida em uma capsula de porcelana ella se volotisa sem exhalar vapores acres e sem deixar residios

Vende se sob diversos nomes:

Nos Estados Unidos, designa-se pelos nomes de *vaselina* e *cosmolina*.

M. Lancelot propôz que fosse denominada *petreolina*.

A pharmacopea ingleza dá-lhe o nome de *parafina mole, petrolatum, petroleina e unguento de parâfina*.

A pharmacopea americana a designa sob o nome de *petrolatum*.

E, com effeito, algumas d'estas denominações são muito apropriadas porque a *petreolina* é um composto de *parafinas* e dos oleos mais pesados do petroleo.

M. M. Lancelot, irmãos, que fabricam este producto em França, teem modificado em muito a sua composição fazendo-a exportar como um dos melhores illuminantes.

O seu oleo é cor de cinza, amarellado, ou branco, segundo ella soffre uma, duas, ou tres filtrações.

Todas as qualidades porém são boas e muito apreciaveis. S. P.

REVISTA POLITICA

Muito impressionados vamos escrever do que vae pela politica, impressionados pelos diversos boatos que tem circulado nos ultimos dias, boatos que não são mais que as legitimas consequencias do mau estar que o paiz sente ha dois annos a esta parte, mas a que não devemos dar curso por que não merecem mais credito que outros já desmentidos.

Tratemos antes da declaração que o sr. ministro da fazenda fez em pleno parlamento, de que a circulação metalica recomeçará em fevereiro proximo. Esta declaração é maravilhosa se attentar-mos em que a alfandega accusa diariamente a entrada de centenas de contos prodigamente impressos a bonitas côres sobre pequenos bocados de papel e fornecidos pelas prensas lithographicas de Leipzig, onde o Banco de Portugal vae buscar em papel o que deixou de lhe vir de Londres em ouro.

Já de ha muito que desappareceram dos noticiarios aquellas pequenas locaes que annunciavam as remessas de milhares de libras vindas de Londres para o Banco de Portugal, e em seu logar nos estão annunciando diariamente a remessa de milhares de notas vindas de Hamburgo para o mesmo Banco, de modo que, nós que até aqui apenas conheciamos de Hamburgo um pão que para ahi se fabricava com este nome, amassado com cerveja e besuntado com clara d'ovo, entrámos agora n'uma tal intimidade com os bons dos hamburguezes, que são elles que nos fornecem dinheiro a um tanto a resma, com uma prodigalidade de nababos, que é só pedir por bocca milhares de contos e elles logo a virem com maior rapidez do que se fossem em moedas redondas a rodarem por esses caminhos fóra.

E emquanto nos vamos abastecendo d'estes bonitos papeis, portateis e leves como o vento, a

mesma alfandega vae accusando diariamente a sahida para o estrangeiro do bom e pesado oiro, que até aqui tenia argentinamente nas nossas bolsas, muito mais pesadas e por isso mesmo mais resistentes a qualquer cyclone.

Conhecemos um capitão de navios que, quando lhe faziam alguma encommenda para trazer das terras onde ia, punha as notas d'essas encommendas sobre a bitacula com o dinheiro que lhe davam para ellas em cima.

Nota de encommenda que não fosse acompanhada de dinheiro voave com o vento e o capitão não a trazia, desculpando-se com o cliente de que o vento lhe levara a nota por não ter peso para lhe pôr em cima.

E o grande caso é que este procedimento do capitão, que o desculpava engraçadamente de apanhar algum calote, converteu-se agora n'uma triste realidade para a nossa vida economica.

Escusamos de fazer encommendas para o estrangeiro, o vento leva todas ainda que lhe ponhamos em cima uma resma de notas.

Isto é preferivel a todos os expedientes e antes queriamos vêr o governo entrar decididamente n'este caminho, com muito mais amor ao paiz do que á nauseabunda politica, que trescala de tanto parasitismo que á sua sombra se acolhe e mina a completa ruina da sociedade portugueza.

Nada mais grotesco do que as discussões que se estão levantando no parlamento sobre a reforma judiciaria. A paixão politica vence a razão, e as conveniencias pessoaes insurgem-se livremente contra as vantagens geraes que a nova reforma póde trazer.

Sentam-se no parlamento de uma parte e da outra um bom numero de jurisconsultos, porque de doutores é o que mais ha, e emquanto d'um lado se apregoa a reforma judiciaria como a melhor de todas as reformas, do outro nega-se-lhes o mais insignificante merecimento, sendo a contenda entre doutores.

Os doutores da opposição protestam em nome da sua classe contra a reforma, e os doutores da maioria declaram que a approvam e que não deram procuração aos collegas da esquerda para lavrarem protestos que não lhes encommendaram.

Por fim fica a gente attonito sem saber se a reforma é boa ou má. Eis para que serve a politica dos nossos politicos.

João Verdades.

contendo povoações além das inscriptas nos mappas até agora conhecidos.

Está publicado o 1.º vol. — Preço 9$000 réis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Bonança.

A Batalha de Aljubarrota *(notas) Carta ao sr. Oliveira Martins* por M. Vieira Natividade. Alcobaça, 1891. Um folheto de 38 pag.as in 8.º Este folheto vem restabelecer a verdade sabre o sitio em que se feriu a celebre batalha e das causas que mais influiram para a assignalada victoria. E' muito curioso este pequeno estudo e recommenda-se aos que se entregam as investigações historicas, porque reune alguns documentos procarados com paciencia, no interesse de fazer luz sobre um dos factos mais gloriosos da historia portuguêza, que nem porisso tem sido tratado com o cuidado de investigabão que merecia, pelos nossos historiadores.

Poesias de José Augusto de Castro. Bahia, 1890. Um poeta novo que nos envia o seu primeiro livro de versos de alem o Equador.

E' uma promessa risonha que mais tarde poderá confirmar-se em obra de maior valor, porque o novo poeta revela nas suas *Poesias* qualidades apreciaveis que devem ser animadas. Incorrecto na forma, essas incorrecções são muito inferiores ao talento do poeta, e porisso crêmos que o talento saberá triumphar se se fôr apurando na coltura.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA BAIXA — PONTE DE CARPINTEIRA

(Desenho do sr. L. Mouritty)

Vid. art. «Caminhos de Ferro Portuguezes — Linha da Beira Baixa» pag. 211

A respeito de dinheiro anda isto por cá muito leve e se Deus não nos acudisse com as fartas coiheitas do anno, ainda mais leve andariam as barrigas, porque não teriamos o tyrano metal para comprar fóra o que nos faltaria em casa.

Estando as finanças n'este estado, é verdadeiramenre maravilhosa a declaração do sr. ministro da fazenda, mas sua ex.ª, para que não o tomassem por um inspirado do céu, disse tambem que contava com os meios que o levavam a fazer aquella declcração até onde se podia contar com as cousas humanas!

Hoc opus, hic labor est.

Dada a falibilidade das cousas humanas, a declaração do sr. Marianno de Carvalho veiu pôrnos a torturas d'aqui até fevereiro, a vêr-mos a cada instante se as taes cousas humanas se sustentam infaliveis até lá.

Nós não contando muito com expedientes financeiros de occasião, que livram de um apuro agora para criarem difficuldades maiores depois, preferiamos as boas medidas economicas que desenvolvessem receitas e diminuissem despezas, porque d'ahi é que veria o restabelecimento do credito, a confiança na administração dos negocios publicos.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Luzitania e da Iberia; recebemos os fasciculos n.os 25 e 26 d'esta obra monumental que desvenda o véu em que está emsombrado o periodo que vae desde os tempos primitivos ao conhecido dominio das hostes romanas.

Esta obra, considerada por muitos e notaveis esariptores, a primeira d'este seculo, é exornada de gravuras de plantes e animaes das eras geologicas; dos primeiros productos da industria humana; das primitivas moedas hespanicas; de numerosos caracteres da abecedario Luziberico; e de um amplo mappa geographico das Hispanhas

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43